



## *New Journalism*: o ponto de convergência entre jornalismo e literatura<sup>1</sup>

Eduardo Ritter<sup>2</sup>

### RESUMO

Tendo como base as pesquisas acerca do tema jornalismo e literatura, encontramos um ponto de convergência com o encontro entre os dois gêneros: o *New Journalism*. Ressalta-se que nesse estudo é usada a visão de Bulhões (2007), de que o *New Journalism* não foi um movimento, mas sim, uma atitude que ocorreu na fluência de uma prática textual desenvolvida mais especificamente em algumas revistas e jornais norte-americanos, que inicialmente era chamada de reportagens especiais. Além disso, vale lembrar que, historicamente, os escritores sempre encontraram nas redações uma profissão remunerada. Nesse sentido, em um primeiro momento apontaremos semelhanças e diferenças históricas entre o jornalismo e a literatura para, em seguida, abordarmos a convergência dos dois gêneros no *New Journalism*. Para tanto, esse estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória, sendo utilizada a pesquisa bibliográfica em todas as etapas desse estudo.

### PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo; Literatura; New Journalism; Convergência.

### 1 INTRODUÇÃO

Desde as primeiras publicações de jornais, as notícias dividem espaço com a literatura. As redações tornaram-se o lugar (quase) perfeito encontrado pelos escritores para trabalharem de forma remunerada, tanto no Brasil quanto no exterior. Essa relação entre jornalismo e literatura, que foi marcada por grandes escritores-jornalistas, como Ernest Hemingway, Euclides da Cunha, Graciliano Ramos, Honoré de Balzac, Jack London, Hunter Thompson, Gay Talese, Jorge Luís Borges e tantos outros, persiste até os dias de hoje, acompanhando o desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação.

A partir disso, será apresentado brevemente como o jornalismo e a literatura se convergem no *New Journalism*, que, como será visto, não foi um movimento, mas sim, uma atitude que ocorreu na fluência de uma prática textual desenvolvida mais

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).  
E-mail: rittergaucho@hotmail.com



especificamente em algumas revistas e jornais norte-americanos, que inicialmente era chamada de reportagens especiais, consagradas por autores como Truman Capote, Gay Talese, Norman Mayler, dentre outros.

Para abordarmos esse tema, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa do tipo exploratória, desenvolvida com base na pesquisa qualitativa, ou seja, que trabalha com o universo de significados, aspirações, crenças, valores, que dizem respeito a um espaço mais profundo das relações, dos fenômenos e processos, e que não são perceptíveis em números, equações, médias e estatísticas (MINAYO, 1994). As pesquisas de tipo exploratório têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, visando à formulação de problemas mais precisos ou hipóteses para estudos posteriores. “De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso” (GIL, 1995, p. 44). Nesse sentido, optou-se pela pesquisa bibliográfica, que será utilizada em todas as etapas deste estudo. Portanto, somando essas breves considerações, caracteriza-se este estudo como exploratório e de caráter qualitativo.

## **2 JORNALISMO E LITERATURA: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS**

As alterações históricas que aconteceram na relação entre jornalismo e literatura, desde a invenção da imprensa até os dias contemporâneos, não ocorreram somente no Brasil, mas em todos os países do mundo ocidental. Alguns dos escritores que acompanharam esse processo de mudança tiveram dificuldades para se adaptar ao novo modelo, muitos chegando a renegá-lo. Isso fica claro na conversa entre dois famosos nomes da literatura latino-americana: Jorge Luis Borges e Ernesto Sábato. Relatando uma série de encontros entre os dois escritores, o jornalista argentino Orlando Barone transformou os encontros em livro. Logo no início da conversa, os dois escritores abordam a alteração que o novo modelo jornalístico causou no meio literário:

Borges: Eu quero dizer, Sábato, que não se fazia nenhuma referência às notícias cotidianas, fugazes.

Sábato: É, isso é verdade. Tocávamos em temas permanentes. A notícia cotidiana, em geral, é levada pelo vento. O mais novo que há é o jornal, e o mais velho, no dia seguinte.

Borges: Claro. Ninguém pensa que deve se lembrar do que está escrito em um jornal. Um jornal, digo, é escrito para o esquecimento,



deliberadamente para o esquecimento.

Sábato: Seria melhor publicar um periódico a cada ano, ou a cada século. Ou quando acontece alguma coisa verdadeiramente importante: “O Senhor Cristóvão Colombo acaba de descobrir a América”. Título em letras garrafais (BARONE, 2005, p. 175).

A alteração no método de transmissão da notícia ao receptor teve um forte impulso devido ao novo sistema de trabalho adotado pelas agências de notícias, que tinham o objetivo de evitar que o texto utilizado por jornais de todo o mundo tivesse sua informação principal distorcida ou omitida, sendo que cada um fazia uma avaliação com diferentes níveis de importância da notícia e do espaço. A partir deste contexto, as agências criaram a fórmula da pirâmide invertida para que a informação não se perdesse com os cortes efetuados pelos periódicos. Com isso, os dados que compõem a notícia passaram a ser colocados em ordem de importância, possibilitando ao leitor interromper a leitura em qualquer ponto do texto sem perder as informações fundamentais. A medida também teve que ser adotada por uma questão de economia, no caso dos correspondentes, como afirma Cristiane Costa (2005, p. 102), citando o exemplo do jornalista e escritor norte-americano Ernest Hemingway:

Durante muito tempo perdurou o mito de que a técnica de cortar palavras, reduzindo ao osso a narrativa, foi exercitada por Hemingway no jornalismo, quando ganhava por cada toque. Algo que não faz muito sentido. Se recebia por palavra, a menos que fosse o mais patronal dos repórteres, o texto de Hemingway deveria ter sido esticado a não mais poder, na ânsia de ganhar uns dólares a mais. Na verdade, a economia de palavras se devia ao alto custo de transmissão da mensagem. Por isso, era comum os jornalistas omitirem preposições, artigos e adjetivos de seus telegramas, secando ao máximo o texto.

Desde a importação do modelo da objetividade da notícia até o final da década de 1950, muitas outras alterações foram assumidas pelos jornais. “Revistas ilustradas proliferaram, o uso da fotografia se expandiu, a diagramação foi remodelada, o modelo americano de jornalismo objetivo e texto conciso começou a ser implantado” (COSTA, 2005, p. 98). Essas alterações também geraram a necessidade da criação de algumas regras dentro dos jornais, visando orientar seus redatores. Foi a partir desse quadro que nasceram os manuais de redação, que no Brasil tiveram como principal pioneiro o jornalista e escritor Graciliano Ramos, que, no início, utilizava uma régua para cortar frases inteiras consideradas inúteis. A principal orientação de Graciliano ainda hoje é seguida pelos



manuais de redação contemporâneos, que é o corte dos excessos, ou seja, das gorduras do texto jornalístico.

No entanto, apesar da forte ligação histórica, e por vezes conturbada, entre o jornalismo e a literatura, diversos teóricos do tema apontam diferenças entre os dois gêneros. Um deles é Marcelo Bulhões, que, em “Jornalismo e literatura em convergência” (2007), defende que há um certo abismo ontológico que separa os dois gêneros.

Para Bulhões (2007, p.11), resumidamente, o jornalismo possui as seguintes características:

De modo provocativo, pode-se dizer que o jornalismo possui uma natureza presunçosa. Definindo-se historicamente como atividade que apura acontecimentos e difunde informações da atualidade, ele buscaria captar o movimento da própria vida. Seria da natureza do jornalismo tomar a existência como algo observável, comprovável, palpável, a ser transmitido como produto digno de credibilidade. Com isso, prestaria - ou desejaria prestar - uma espécie de testemunho do *real*, fixando-o e ao mesmo tempo buscando compreendê-lo. É tentador (embora imprudente) afirmar que, em certo sentido, ele tem algum parentesco com a História. Seria, então, o jornalista uma espécie de historiador da vida contemporânea, diariamente compartilhada.

Outra função do jornalismo, ainda conforme Bulhões (2007, p. 12), é a apuração dos acontecimentos, o esforço pela isenção e pela imparcialidade diante do mundo concreto. “Assim, para a atividade jornalística prevalece a noção de que a linguagem é meio, é *medium*, não fim”.

A literatura, por sua vez, tem uma natureza oposta à do jornalismo, pois ela dota a linguagem verbal de uma dimensão que não é meio, mas fim. Para Bulhões (2007), na literatura, a linguagem não é mera figurante, mas sim o centro das atenções; na realização literária, o mundo fora da linguagem só importa se o verbal que o transmitir estiver transmutado, recriado, destituído de sua função cotidiana e costumeira. A razão de ser da literatura não é exatamente a comunicação. “Não existe caminho para a literatura que seja um desvio do próprio texto literário” (BULHÕES, 2007, p. 13). O autor acrescenta que o texto literário é insubstituível, pois,

se há um universo na literatura a ser informado, ele só importa como algo a ser enformado, ou seja, configurado em uma forma especial que lança uma experiência que não existia. Nesse sentido, todo o texto literário cria um novo mundo, o mundo da linguagem que ele produz



(BULHÕES, 2007, p. 13-4).

Seguindo a mesma linha de raciocínio, no caso da literatura, as palavras não estão colocadas no texto para transmitir um acontecimento nem para abstrair a realidade em conceitos. “O que está em questão é que elas constroem uma realidade centrada no modo com que se arranjam, se articulam e se movimentam” (BULHÕES, 2007, p. 14). O autor aponta ainda outra diferença entre o jornalismo e a literatura, que é semelhante àquela descrita no início deste capítulo, feita por Aristóteles, em que o filósofo distinguia a história da literatura, destacando que a primeira busca a verossimilhança, ou, como Bulhões (2007, p. 14-5) cita, a recriação da realidade:

No limite, pode-se afirmar que a literatura nem chega a representar a realidade, mas a recriá-la na operação de desviar a linguagem de sua função habitual. Essa é uma distinção fundamental entre o texto literário e textos de outro caráter, científico, teórico, filosófico. E, claro, jornalístico.

Conforme Bulhões (2007, p. 17), a literatura opera essencialmente com a realidade que poderia ter sido, mas não foi. Com isso, não interessa à literatura extrair uma verdade factual, mas uma verdade simbólica ou alegórica, em que a ausência da ficcionalidade não inviabiliza a realização literária, além de que “a literatura não precisa de uma certidão de veracidade”, como não necessita ser atestada pelos olhos de um jornalista-repórter.

Outra questão relativa à literatura que difere do jornalismo é a utilização de fatos reais para a composição de um romance, mais o descomprometimento dessa literatura com a realidade, como, por exemplo, a situação pitoresca registrada em “Incidente em Antares”, obra de Erico Verissimo, na qual, dentro de um contexto histórico real, mortos levantam de suas tumbas para reivindicar o direito de serem sepultados dignamente.

Na literatura, como destaca Bulhões (2007), a verdade reside na capacidade de atingir uma dimensão universal e essencial da subjetividade humana, que é a referência da atividade imaginativa, possuindo uma vocação próxima da utopia, envolvendo-se com as dimensões do imaginário, ou seja, com a criação do possível ficcional.

Porém, dentro dessa concepção, há um risco que ocorre quando se aborda a literatura exclusivamente como um gênero que trata apenas do ficcional: “fazer soar na



cabeça do leitor a ideia de que a literatura se ocupa exclusivamente com o universo ficcional-fantástico, de que ela nunca busca uma aproximação com a realidade despreendida dos fatos” (BULHÕES, 2007, p. 20). Afinal, a literatura não significa um rompimento total com o real empírico.

Esses conceitos, relativos à literatura, vão justamente contra algumas crenças que marcam a história do jornalismo, como, por exemplo, a captura do real e a criação de ferramentas ou procedimentos capazes de registrar esse real. Porém, como chama a atenção Bulhões (2007, p. 22), essas crenças muitas vezes podem ser vistas como ingênuas ou perigosas: “Desse modo, os discursos seriam sempre representações inapelavelmente acopladas a condições materiais e interesses de classes e grupos sociais”.

Outro aspecto que poderia ser apontado como uma dicotomia entre o jornalismo e a literatura é a noção de objetividade e credibilidade, pois, na literatura, habita o espaço permissivo da ficcionalidade. No entanto, no que se refere à linguagem, a literatura pode possuir, sim, como objetivo, a transmissão de uma ficção como se ela fosse o mais real possível, valendo-se, assim, da linguagem clara e objetiva do jornalismo. Porém, para Bulhões (2007), alguns atributos da linguagem literária, como a ambiguidade e a polissemia, não chegam a ser atributos do texto jornalístico.

Outro ponto destacado pelo autor são as diferenças entre o jornalismo francês e o norte-americano, sendo que o padrão jornalístico dos Estados Unidos, que é hegemônico na contemporaneidade, acabou distanciando a até então forte relação entre jornalismo e literatura registrada pela imprensa francesa, como fica claro no seguinte trecho:

Como também se sabe, tal padrão elaborado no século XIX destoava exemplarmente do modelo francês, no qual a literatura era bem-vinda ao interior da prática textual do jornalismo. Ambos os paradigmas representavam, portanto, duas concepções distintas a respeito da realização dos formatos jornalísticos (BULHÕES, 2007, p. 29).

Nesse contexto, ressalta-se a diferença entre a influência do jornalismo europeu, em especial o francês, nos primeiros anos de imprensa no Brasil, e a chegada do modelo norte-americano, fazendo essa separação entre o jornalismo e a literatura, ainda que o jornalismo deixe algum espaço para a presença da literatura em gêneros como a crônica e a grande reportagem, como será visto no próximo item, que tratará brevemente do



*New journalism*. Ou, ainda, pode-se dizer que, “em linhas gerais, foi no padrão francês que o Brasil buscou o molde para a prática de seu incipiente jornalismo no século XIX, herança de que se livraria apenas em meados do século XX” (BULHÕES, 2007, p. 34).

Aliás, o próprio Bulhões (2007, p. 28) acentua que a convergência entre jornalismo e literatura é, naturalmente, um território de impasses:

O percurso de convergência entre jornal e letras - isto é, entre jornalismo e literatura - é um território de impasses, ajustes e conflitos derivados das configurações assumidas pelas duas expressões segundo as demandas econômicas capitalistas peculiares de cada fase da vida ocidental. Assim, o exame das feições formais assumidas por ambos, suas realizações no campo da linguagem, não estão separadas de tais condições materiais.

Porém, um ponto essencial da confluência de gêneros entre jornalismo e literatura é o que se refere à narratividade.

Produzir textos narrativos, ou seja, que contam uma seqüência de eventos que se sucedem no tempo, é algo que inclui tanto a vivência literária quanto a jornalística. E a narratividade possui conexão estreita com a temporalidade, o que significa dizer que se contam eventos reveladores da passagem de um estado a outro. Além disso, é bom não perder de vista que a narratividade está intimamente vinculada à necessidade humana de conhecimento e revelação do mundo ou da realidade (BULHÕES, 2007, p. 40).

Afinal, como acrescenta o autor, os termos narratividade, narrar, narrador, narrativa, derivam do vocábulo latino *narro*, que significa dar a conhecer. A partir de então, aparecem diversas semelhanças entre o jornalismo e a literatura, como, por exemplo, a brevidade narrativa, que ocupa tanto a notícia e a reportagem quanto o conto. “É na reportagem que os frutos do cruzamento com o conto podem render mais” (BULHÕES, 2007, p. 42). Além disso, é a reportagem o gênero mais inventivo da textualidade jornalística.

Alceu Amoroso Lima (1969, p. 59), por sua vez, defende que:

Se o estilo comum do jornalismo exige certas condições intrínsecas e rigorosas, já o estilo próprio admite, como sempre, a máxima liberdade. Preenchidas as condições comuns - precisão, concisão, clareza, cultura - então a liberdade, em vez de ser condicionada pelo gênero, é uma exigência dele mesmo e da condição do próprio jornalista, que é um artista como qualquer outro.



Porém, o autor chama a atenção para alguns perigos do jornalismo, que ele define como facilidade e sensacionalismo:

O jornalista, como deve viver ao correr dos acontecimentos, para melhor tomar contato com a realidade viva do fluxo vital, corre o risco constante de se deixar levar por eles sem reação ou escolhendo sempre o caminho mais fácil. É o perigo do conformismo, na ordem moral, como do mimetismo na ordem verbal (LIMA, 1969, p. 60).

O sensacionalismo surgiria pelo que Lima denomina tirania do fato, que é a necessidade de chamar a atenção do leitor pela passionalidade e pela busca do imediatismo da notícia. Ou ainda, poder-se-ia acrescentar, é a luta contra o tempo:

Ainda que o conceito de notícia - categoria central do jornal - seja polêmico, com muitas definições diferentes; todas elas em alguma medida estão ancoradas na noção de tempo. Tempo que transforma o novo em velho e que faz com que se diga popularmente que jornal velho serve para embrulhar peixe, tal a sua característica de produto efêmero (TRAVANCAS, 2008, p. 132).

Já o escritor-jornalista Carlos Heitor Cony vai mais longe e faz uma metáfora, comparando o jornalista a um peixe de aquário, que não pode passar mais de duas edições sem ser lido, e o escritor a um peixe de águas profundas que, ou terá um grupo restrito de leitores contemporâneos, ou passará centenas de anos sendo lido, como é o caso de Shakespeare.

E, se o jornalista é o peixinho de aquário, o escritor é o peixe da água profunda, vive na treva, em águas onde nem chega a luz do sol. É monstruoso, escuro, quasímido que habita um território impenetrável. Não conhece os limites do palco. Tem o oceano para arrastar seu corpo medonho, sua fome que não escolhe o que comer (CONY, 2008, p. 17).

No entanto, como será exposto no próximo item, o *New journalism* acaba se tornando um marco na quebra da temporalidade jornalística, tentando colocar a notícia como um registro histórico de determinados fatos, ou, aproveitando a metáfora de Cony, é onde o jornalista tenta deixar de ser um peixinho de aquário para se tornar um peixe de águas profundas. Até porque, atuando apenas no jornalismo factual, o jornalista corre o risco já mencionado por Olavo Bilac em crônica publicada no Correio Paulistano, em 1907:





“Fazemos os nossos jornais para nós mesmos: vivemos a ler-nos uns aos outros, platonicamente [...]” (BILAC, 1996, p. 179).

### 3 O *NEW JOURNALISM*

De início, destaca-se que, por optar pela concepção de Marcelo Bulhões, esta pesquisa defende que o *New journalism* não chegou a ser um movimento, “pois não despontou com um delineamento de idéias estabelecidas por um grupo coeso de representantes, tampouco elaborou um programa ou um manifesto declaratório de princípios” (BULHÕES, 2007, p.145), ou seja, o *New journalism* foi mais uma atitude que ocorreu na fluência de uma prática textual desenvolvida mais especificamente em algumas revistas e jornais norte-americanos, que inicialmente era chamada de reportagens especiais, publicada por jornalistas como Tom Wolfe e Gay Talese, até chegar à grande narrativa com tom literário, como o clássico “A sangue frio”, de Truman Capote.

Também vale lembrar que o *New journalism* surge justamente em um período em que os Estados Unidos - e, conseqüentemente, o mundo - vivia uma fase de grandes transformações culturais:

Retrospectivamente, o advento do *New journalism* revela uma admirável consonância com o espírito transgressor da década de 1960. De fato, é compreensível e ao mesmo tempo revelador situar seu desabrochar no início de um período de profunda transgressão de valores, quando já se ouviam os primeiros *hits* - dos Beatles, dos Rolling Stones, de Bob Dylan - que embalariam um período fascinantemente movimentado, marcado por profundas transgressões comportamentais (BULHÕES, 2007, p. 146).

Bulhões (2007) também aponta alguns marcos do *New journalism*. O primeiro é em 1962, quando Gay Talese publica, na revista *Esquire*, uma reportagem-perfil sobre o ex-boxeador Joe Louis, que marcaria essa nova tendência, por apresentar sinais claros das transformações que estavam chegando. “Talese constrói seu texto apoiando-se largamente em diálogos intimistas - como o entabulado entre Louis e sua esposa - manejando com habilidade um atraente jogo narrativo-expositivo” (BULHÕES, 2007, p. 147). Já em 1963, é a vez de Jimmy Breslin adotar o mesmo estilo em sua coluna do jornal *Herald Tribune*. Um ano depois, aparece Tom Wolfe:



O atrevimento de Wolfe vinha com transgressões mais cortantes, tanto no manejo das técnicas de captação jornalística, quanto no plano da expressão verbal, com a presença extravagante de travessões, pontos de interrogação, reticências, uso multiplicado de letras para produzir um efeito gráfico e fônico e mudanças constantes de foco narrativo, em que o narrador entra na cabeça de seus personagens, assumindo sua perspectiva e as marcas da sua linguagem (BULHÕES, 2007, p. 147).

Aliás, um marco nessa trajetória foi a publicação de uma carta escrita por Tom Wolfe ao editor da revista *Esquire*, Byron Dobell, em 1964, que a transformou em matéria, como conta o próprio Wolfe:

Escrevi a reportagem *The kandy-kolored tangerine-flake streamline baby* das 6 da tarde às 6 da manhã do dia seguinte. Escrevi 48 páginas naquela noite. Tenho de confessar que, quando eu já estava com meio caminho andado, comecei a me dizer “Hei, esta metade não está mal”. Então, não me surpreendi quando o editor, Byron Dobell, me acordou naquela tarde com um telefonema me informando que eles tinham a intenção de tirar o “Caro Byron” das minhas anotações e publicá-las da forma como estavam. Aquela história tinha a vantagem do tom solto e confuso que vem naturalmente, quando você está escrevendo uma carta para uma pessoa, nesse caso, o caro Byron. [...] De qualquer forma, aquela matéria eliminou qualquer resquício de restrição que ainda podia haver.<sup>3</sup>

Porém, vale ressaltar que, quando esse tipo de texto passou a ser utilizado em jornais e revistas, ainda não havia uma denominação específica, como ressalta Tom Wolfe (2005, p. 40) que em “Radical chique” e o “Novo Jornalismo”, apresenta uma versão para uma possível origem do termo:

Seymour Krim me conta que ouviu essa expressão ser usada pela primeira vez em 1965, quando era editor do *Nugget* e Pete Hamill o chamou para dizer que queria um artigo chamado “O Novo Jornalismo” sobre pessoas como Jimmy Breslin e Gay Telese. Foi no final de 1966 que se começou a ouvir as pessoas falarem de “Novo Jornalismo” em conversa, pelo que posso lembrar.

É dentro desse cenário que aparece a figura de um importante escritor-jornalista que consagrou esse gênero: Truman Capote, com a publicação de “A sangue frio”, que

---

<sup>3</sup> Trecho de entrevista concedida por Tom Wolfe à Revista *Magis* (out/nov de 2009, p. 44), respondendo à pergunta de Marques Leonam Borges da Cunha.



causaria grande impacto entre os leitores e os próprios jornalistas da época, influenciando ainda as futuras gerações de escritores-jornalistas. Mesmo que Capote não considerasse a sua obra como jornalística, ela acabou sendo fundamental para o surgimento do que ficou conhecido como romance de não-ficção, ou romance reportagem. Conforme Bulhões (2007, p. 149), Capote considerava que, desde a década de 1920, nada de inovador havia sido registrado na literatura, e apostou, assim, que a prática e as técnicas do jornalismo poderiam levar o seu texto a uma inovação. O escritor queria “escrever uma longa narrativa apoiada na prática jornalística, uma narrativa sem fabulação, sem formulação imaginativa, um romance jornalístico, se isso faz algum sentido”. E conseguiu, como ressalta Chillón (1993, p. 118):

Capote harmoniza sabiamente todos os ingredientes que fazem uma boa novela realista: a caracterização minuciosa, poliédrica, dos personagens principais; a complexa arquitetura composta no relato, na qual estão incorporadas as cenas, com a utilização dos resumos narrativos, dos diálogos, das tipografias, cartas, declarações, retratos, as elipses e digressões informativas, o uso de detalhe realista, utilizado como um recurso local para condensar uma psicologia ou uma situação, e, especialmente, a habilidade de contar a história, que repousa em grande parte na voz de um narrador onisciente com uma impessoalidade flaubertiana.<sup>4</sup>

A história de Capote é contada também por Tom Wolfe (2005, p. 45), que lembra o impacto que a publicação de “A sangue frio” (1966) teve no público leitor da época:

A história de Capote, contando a vida e a morte de dois vagabundos que estouraram as cabeças de uma rica família rural em Kansas, foi publicada em capítulos na *The New Yorker*, no outono de 1965, e saiu em forma de livro em fevereiro de 1966. Foi uma sensação - um baque terrível para todos os que esperavam que o maldito Novo Jornalismo ou Parajornalismo se esgotasse como uma moda. Afinal, ali estava não um jornalista obscuro, nem algum escritor freelance, mas um romancista de longa data [...] cuja carreira estava meio parada [...] e, de repente, de um só golpe, com aquela virada para a maldita forma nova de jornalismo, não só ressuscitava sua reputação, mas a elevava mais alto que nunca antes [...] e, em troca, tornava-se uma celebridade da mais inacreditável magnitude. Pessoas de todo tipo leram “A sangue frio”, pessoas de todos os níveis de gosto.

Apesar do surgimento do *New journalism* nos Estados Unidos, novamente contextualizando historicamente as relações entre jornalismo e literatura, deve-se

---

<sup>4</sup> Tradução do autor.



considerar que escritores mais antigos já haviam feito práticas semelhantes, como, por exemplo, o naturalista Émile Zola, que, em “A taberna” (1877), já apresentava um estudo sobre alcoolismo em um texto que se aproxima da grande reportagem; ou ainda em “Naná”, um estudo sobre a prostituição; e, em “Germinal”, um relato sobre a situação em que viviam os mineiros.

Zola estava convencido - ou se dizia estar - de que a literatura se aproximaria inevitavelmente da ciência e, ao fazer isso, expulsaria as falsas explicações da vida, com estúpidas motivações misteriosas e sobrenaturais (BULHÕES, 2007, p. 65).

Na visão de Zola, a observação é superior à imaginação e o escritor é ativo e arrojado, e não especulativo ou misterioso. “Em tudo isso - já se pôde perceber - há algo de jornalístico” (BULHÕES, 2007, p. 69). Apesar de que o próprio Zola não concebesse estratégias de aproximação do jornalismo com a literatura, inclusive defendendo um jornalismo doutrinário.

Já Carlos Rogé Ferreira (2004) aponta que o termo *New journalism* foi usado pela primeira vez em Londres, por Matthew Arnold, em 1887, para descrever o estilo da revista *Pall Mall Gazette de Stead*, que era mais atrevido e pessoal, sendo que esse termo reapareceria anos mais tarde com a geração norte-americana.

Independentemente disso, Capote teria invertido a lógica de seus colegas, que partiram do jornalismo para se aproximar da literatura, pois ele “seria o escritor literário que buscou na prática jornalística uma nova experiência de realização literária” (BULHÕES, 2007, p. 155).

Foi a partir de então que surgiu o cenário em que jornalistas não buscam apenas o sonho de se tornarem escritores ficcionais, como a maioria dos entrevistados por João do Rio, mas passam a buscar a literatura por meio da prática jornalística, ou seja, desejam que as suas reportagens, relatadas em formato de livro, tornem-se literárias, atemporais, rompendo, assim, com as dicotomias entre os dois gêneros, relatadas anteriormente.

São inúmeros os exemplos que demonstram esse quadro no Brasil e no mundo. O próprio Tom Wolfe destacou em entrevista a Jerônimo Teixeira que “o Novo Jornalismo ainda é praticado em livros-reportagens como ‘Falcão negro em perigo’, de Mark Bowden, sobre a intervenção americana na Somália” (TEIXEIRA, 2005, p. 14). Essa perspectiva também é defendida por Carlos Rogé Ferreira (2004, p. 204), salientando que autores



contemporâneos estariam reformulando esse gênero:

Desse modo, em seguimento à linha do Novo Jornalismo e dos romances-reportagem, autores contemporâneos estariam dando formas atuais ao questionamento e embate de fronteiras entre o jornalismo e a literatura, no contexto da intensificação crescente da massificação cultural econômica, que já se acentuava após a II Guerra Mundial, que produz formas de inter-relação entre os campos citados, os fatos noticiosos, a história-processo, as narrativas literárias.

Marcelo Bulhões (2007, p. 178) vai mais longe, defendendo que os livros-reportagem da contemporaneidade, na verdade, estão se adaptando ao mercado: “tudo leva a crer, na verdade, que é com apelos de ficcionalidade que a factualidade parece se vestir, integrando-se, na onipresença do mercado, ao padrão da cultura do espetáculo midiático que obsessivamente nos instiga”.

Independentemente de questões referentes ao mercado que, como visto no início deste capítulo, sempre estiveram relacionadas à produção jornalístico-literária, o fato é que o *New journalism*, que se transmutou em jornalismo literário, encontra-se em expansão, como constata Monica Martinez (2009), que, em pesquisa apresentada à Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), apontou que só a coleção *Jornalismo Literário*, da Editora Companhia das Letras, até dezembro de 2009 já contava com 19 títulos.

No entanto, Marcelo Bulhões (2007, p. 200) aponta uma contradição nessa expansão:

A condição que deflagra a ação jornalística, sua gênese por assim dizer, não é o conhecimento dos fatos, mas seu desconhecimento; o não-conhecer é o que instiga e dispara o processo de captação informativa. A obviedade dessa afirmação não retira a relevância de que a onisciência é, em si, o próprio ficcional, visto aqui como sinônimo de impossível, do puro imaginativo. Daí a contradição: tal jornalismo de livros se faz com uma atitude discursiva que contraria a própria idéia de veracidade jornalística.

É dentro desse cenário de contradições, dicotomias e discordância de autores e no contexto histórico exposto, no qual homens e mulheres adquirem uma dupla personalidade (jornalista e escritor) que muitas vezes se mistura em alguns aspectos *New journalism*, que está inserida a relação permanente entre o jornalismo e literatura.



#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Encerra-se essa etapa da pesquisa sobre o tema destacando que, mais do que clarear respostas, esse estudo despertou mais a vontade de aprender sobre o tema. É a partir das questões relacionadas às semelhanças e às diferenças entre jornalismo que é possível refletir melhor a prática jornalística e literária. Salienta-se ainda que esse pesquisador, após concluir a sua dissertação de mestrado, quando pesquisou a presença de personagens-jornalistas nos romances de Erico Verissimo, formando uma verdadeira “tribo jornalística” (TRAQUINA, 2005), quer aprofundar os estudos sobre a convergência entre o jornalismo e a literatura, que, como vimos, acontece no *New Journalism*, e que pode surgir em outros tipos de texto, como no jornalismo gonzo.

Portanto, conclui-se o estudo com o desafio de, a partir das questões aqui levantadas, auxiliar futuros pesquisadores sobre o tema, além do próprio pesquisador, que segue tentando compreender melhor a convergência entre os dois gêneros, que já foi muito valorizada, mas que anda em baixa nos dias contemporâneos.

O pesquisador acredita que ainda é possível, sim, formar, na contemporaneidade, jornalistas-escritores capazes de escrever livros e de ter participações na imprensa da mesma forma qualificada que fizeram autores como Honoré de Balzac, Truman Capote, Gay Talese, Graciliano Ramos, Euclides da Cunha, Caco Barcellos, Hunter Thompson, Tom Wolfe e tantos outros.



## REFERÊNCIAS

- BARONE, Orlando. **Borges e Sabado** – diálogos. Rio de Janeiro: Globo, 2005.
- BILAC, Olavo. **Vossa insolência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.
- CHILLÓN, Lluís Albert. **Literatura i periodisme**: literatura periodística i periodisme literari en el temps de la post-ficció. Alacant: Secretariat de Publicacions de la Universitat d'Alacant; Castelló: Publicacions de la Universitat Jaume I; València: Universitat de València, 1993.
- CONY, Carlos Heitor. Prefácio. In: BRITO, José Domingos de (Org.). **Mistérios da criação literária** São Paulo: Novera, 2007.
- COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel**. São Paulo: Schwarcz, (Companhia das Letras), 2005.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1995.
- JORNALISTAS brasileiros entrevistam Tom Wolfe. **Revista Magis**, São Leopoldo: Unisinos, n. 4, p. 40-45, out./nov. 2009.
- LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. Rio de Janeiro: Agir, 1969.
- MARTINEZ, Monica. Jornalismo literário: um gênero em expansão. **Revista de Ciências da Comunicação**, São Paulo: Intercom, v. 32, n. 2, p. 199-216, jul./dez 2009.
- MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.
- TEIXEIRA, Jerônimo. Eu votei em Bush. São Paulo, **Revista Veja**, p. 13-15, 11 maio 2005.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005. v. II.
- TRAVANCAS, Isabel. Drummond na imprensa: algumas crônicas das décadas de 1940 e 1950. São Paulo: Intercom, **Revista de Ciências da Comunicação**, v. 31, n. 2, p. 123-138, jul./dez. 2008.
- WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.